

**IMAGEM E REPRESENTAÇÃO: VENDENDO ESTRELAS**

Nelyse Ap. Melro Salzedas

serranoepg@ig.com.br<sup>1</sup>

**Resumo:** Ver e representar a imagem das estrelas: uma questão texto e imagem entre a pintura, a poesia e a música: Van Gogh, Bilac, Orestes Barbosa e Manuel Bandeira.

**Palavras-Chave:** Ver, cantar, estrelas.

**Abstract:** To see and to tell, the image of the stars among the picture, the poem and the music, the question text/ image: VAN gogh, Bilac, Orestes Barbosa and Manoel Bandeira.

**Key Words:** To see - to tell - stars

O olhar sobre imagens oscila entre duas posições: uma fascinação muda em relação àquilo que ela nos mostra; um questionamento que busca desvelar o que elas dizem e talvez tentem dizer, ou melhor guardar.

Explorar a problemática relação entre texto e imagem é a função deste paper, usando como corpus a temática da estrela expressa em várias linguagens: música, pintura e poesia, provocando um diálogo entre os diversos campos do signo.

Começemos o diálogo: Poesia? Que tal Bilac e Bandeira? Pintura, que tal Van Gogh? Música, que tal Orestes Barbosa?

Que tal " Ora (dizeis) ouvir estrelas" (Bilac)? "Noites estreladas (Van Gogh)? "Chão de Estrelas" (Orestes Barbosa)?

Todos eles, autores de textos, podem ser chamados poetas, o traço diferenciado é o eidolon, pois o eidos da estrela é o mesmo, aquele é o que infere no ato da representação, no ato criador, na multiplicidade de imagens é a visibilidade da imagem. Faremos vários diálogos entre os textos selecionados para o corpus. O primeiro será entre o soneto de Bilac e o texto de Orestes Barbosa.

Bilac:

E abro as janelas, pálido de espanto!

Dizeis agora: treslocado amigo!

Que conversas com elas? Que sentido

Tem e que dizem, quando estão contigo?"

---

<sup>1</sup> UNESP, Bauru, Livre-docente.

Orestes Barbosa:

A porta do barraco era sem trinco  
mas a lua furando o nosso zinco  
salpicava de estrelas o nosso chão.”

O segundo diálogo será entre o texto de Bandeira e duas telas de Van Gogh, ambas de 1889.

Bandeira:

Vi uma estrela tão alta,  
Vi uma estrela tão fria.

Por que de sua distância  
para minha companhia?  
Não baixa aquela estrela?  
Por que tão alto luzia?

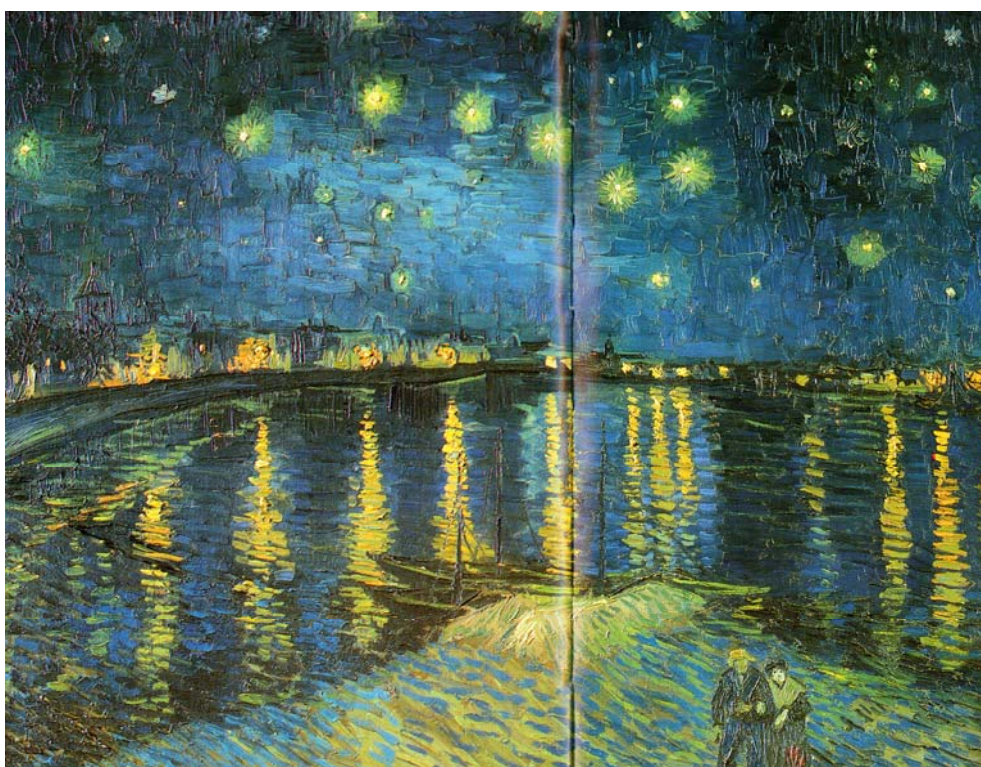
E ouvi-a na sombra funda  
responder que assim fazia  
para dar uma esperança  
mais triste ao fim do meu dia.

Van Gogh:

Noite Estrelada



Noite estrelada sobre o Rio Ródano



Com efeito, as duas Noites Estreladas e o texto de Bandeira guardam relações pois as marcas visíveis daquelas paralelizam-se com a legibilidade do poema;

distancia, luz, poetização se apontarmos para a Noite Estrelada sobre o rio Ródano: um texto de Van Gogh ao seu irmão Théo, referencia o enunciado:

“ Eu não ficaria surpreso se você gostasse da Noite Estrelada sobre o rio Ródano e dos Campos Lavrados são mais calmos que outras telas (logo não seria a outra Noite Estrelada). Se o trabalho andasse sempre assim, eu teria menos inquietações com o dinheiro, pois as pessoas viriam mais facilmente se a técnica continuasse a ser mais harmoniosa. Mas este maldito mistral é bem incômodo para dar pinceladas que se portem bem com sentimento, como uma música tocada com emoção” (2002, p.228)

Um outro texto do pintor dos girassóis, publicado pela Gallimard (1994, p. 110-112) completam aquele traduzido por Bertini Godoy:

“ Sempre o caminho das estrelas me fazem sonhar, também da mesma forma me fazem sonhar os pontos negros representados sobre a carta geográfica, cidades e vilas!...”

Em Vincent Van Gogh, *Christianity versus Nature*, (1990), surge uma outra citação sobre Noite Estrelada (1889) de autoria do pintor holandês:

“Quando durante algum tempo tu terá visto esses dois estudos (duas telas de Noite Estrelada) como aquela de ontem, melhor que palavras eu poderia talvez dar-te uma idéia de que Gaugin, Bernard e eu temos conversado e que nos tem preocupado: isto não é um retorno ao romantismo ou idéias religiosas. Entretanto passando por Delacroix, antes que aquela aparecesse, pela cor e um desenho mais forte que a natureza do campo mais para as cercanias, os cabarés de Paris. Talvez lendo Zola, nós somos emudecidos pelo som do puro francês de Renan.”

O “ Ora direis ver estrelas” de Van Gogh passa por vários momentos: pelo sensível e pelo cognicível, o que justifica as diferenças entre o olhar e o ver, entre o *jeux* e o *regarder*, muito bem marcadas pelo artigo de Alfredo Bosi, em *O Olhar* (1995). O eu poético de Van Gogh buscou na imagem das estrelas uma relação com o inteligível e o sensível, através da ficcionalização do objeto real - estrelas. Ambas as telas “Noite estrelada sobre o rio Ródano” e “Noite Estrelada”, estão respectivamente no Museu D’Orsay, Paris e no Museu de Arte Moderna de Nova York.

Todos aqueles poetas, Bilac, Bandeira, Orestes Barbosa e Van Gogh, a partir da imagem da estrela exposta no céu, produziram seus textos em linguagens diversas, construindo a representação ficcionalizada/metaforizada pelo sensível, sob a percepção do eu. Uns viriam-na pela janela, outro pelo teto de zinco furado, outro pela natureza interiorizada, outro pela placidez da natureza e pelos conflitos entre o eu e o mundo.

As nossas indagações acompanham aquelas de Daniel Arasse (2000): o que se faz quando se olha uma pintura? O que se pensa? O que se imagina? Como ela se diz? Como ela diz aquilo que se vê? Como se interpreta?

Tais indagações podem ser feitas igualmente em relação ao texto uma vez que ele não é unidimensional, tem espessura, é multidimensional e pode ser lido em diversos níveis.

Assim procedemos a nossa leitura perpassando por uma linha temática - a da estrela; pelo modo de ver; pela representação e pelas linguagens poéticas, ampliando o conceito de poesia.

Parodiando versos de Bilac: *Treslocado amigo, que conversas com elas quando estão contigo? Talvez achemos respostas nos textos de Orestes Barbosa, de Van Gogh e de Bandeira para construção de imagens tão diferentes que vão da solidão aos caminhos do universo ou ainda re-citando Bilac, Bandeira e Orestes Barbosa:*

“Abro as janelas pálido de espanto” (B)

“A lua furando o nosso zinco” (OB)

“Salpicava de estrelas o nosso chão” (OB)

“para dar uma esperança

Mais triste ao fim do meu dia” (MB)

Talvez entendamos após a leitura desses versos, a janela da alma de Van Gogh e possamos indagar: que conversas com ela, treslocado poeta de imagens?

Cabe aqui alguma reflexão sobre o que diz Laca (1966, p. 178) “A metamorfose, de certa forma, tem por função realizar a identificação imediata de uma fase psíquica, ou melhor dizendo metamorfose das relações do indivíduo a seu semelhante.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARASSE, Daniel. *On n'y voit rien*. Paris, Denoel:2000.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In NOVAIS, A. (org) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BILAC, Olavo. *Obra Reunida*. RJ, Aguilar.

BONAAFOUX, Pascal. *Van Gogh, le soleil en face*. Paris, Gallimard:1994.

GODOY, Luciana Bertini. *Ceifar, Semear*. São Paulo. Annablume/Fapesp: 2002.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris, Seuil:1966.

MORIZOT, Jacques. *Interfaces: Text et Image*. Presses Universitaires de Rennes, Rennes, 2004.

TSUKASA, Koderu. *Vincent Van Gogh, Christianity Versus Nature*. Amsterdam/Philadelphia, Benjamins Publishing Company: 1990.